

○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

EDITORIAL

O facto é conhecido por todos os fangueiros. A qualquer hora do dia ou da noite há gente que invade o pinhal de Fão, seja do lado da Restinga ou da Bonança, serra as árvores e as transporta tranquilamente para casa.

É forçoso lembrar, é importante dizer que a despinheirização que está a acontecer no pinhal de Ofir é a pior catástrofe que se abateu sobre a nossa terra nos últimos anos. O lamentável é que as pessoas não se apercebem conscientemente desta desgraça.

Fão hoje é uma terra que vive essencialmente do turismo, pois nem somos grandes comerciantes, nem grandes industriais. Até há pouco vivíamos do Brasil e antes ou depois vivíamos do mar. Tínhamos estaleiros famosos, adestrá-

paisagístico que entusiasmou Sousa Martins e que a atracção que Fão exerce sobre os visitantes, sejam nacionais sejam estrangeiros, assenta nas belezas naturais que possui e Sousa Martins propagandeou estribado num feliz slogan: mar, rio e pinhal.

Surgiram hotéis, vieram turistas, abriram-se postos de trabalho, enfim Fão deu um salto em frente.

Curial seria que os fangueiros seguissem na trajectória do impulso dado por Sousa Martins. Ao invés, porém, resolveram destruir um dos pilares fundamentais do nosso turismo que é o pinhal. Dia a dia os pinheiros estão a rarear. Quem quer vai ali e rouba. O mais lamentável é que o posto da G.N.R. de Esposende não tem qualquer participação a denunciar o roubo de pinheiros, o que significa que os respectivos donos não se importam, partindo do princípio que um pinhal «careca»

AINDA E SEMPRE O PINHAL DE OFIR

mos capitães de longo curso e essa vocação trouxe-nos uma certa prosperidade quando comparados com outras freguesias, o que se traduziu num certo ar cidadão que a terra apresenta.

No entanto essa época áurea não ultrapassou o primeiro trinténio do século vinte e o que salvou Fão duma fatal penumbra foi o aparecimento providencial de Sousa Martins que reconverteu substancialmente o turismo de Fão. Como já o afirmamos, existem dois tempos para Fão: antes e depois de Sousa Martins. Em nosso entender ainda não foi prestada a devida homenagem a este homem, pensando nós que pelo menos um busto no largo da praia seria a quantidade de gratidão mínima que a terra de Fão devia prestar ao seu maior benemérito de todos os tempos.

A partir, pois, da época de quarenta, a nossa terra voltou a readquirir o prestígio de outrora. O nome de Ofir correu mundo. Como, porém, é sabido sem omeletes não se fazem ovos e se Sousa Martins não dispusesse de uma praia de recorte suave e com uma extensão de fino areal, se não contasse com um frondoso pinhal e com um rio emoldurado de belas paisagens, se não pudesse propagandar este maravilhoso conjunto, jamais Ofir teria sido o que conseguiu ser.

Isto significa que foi o conjunto

é mais vendável e, como se sabe, o terreno naquela área é cobiçadíssimo para a construção.

É importante que as autoridades responsáveis ponham cobro de forma enérgica e urgente a este desafio, pois

(Continua na pág. 8)

A IMPRENSA EM FÃO

Será interessante e até instrutivo passar uma vista de olhos pelos jornais que já existiram em Fão. Tanto quanto julgamos saber (cônsultámos os ficheiros da Biblioteca Municipal do Porto e um opúsculo «A Imprensa Bracarense» da autoria de A. Lopes de Oliveira) o mais antigo periódico da nossa terra foi «O Fãoense», semanário que durou desde 17-9-1906 a 22-6-1908. Teve como Director e Editor Manuel Gomes da Costa Freitas.

Uns anos mais tarde, de Junho de 1915 a Novembro de 1916, apareceu «O Farol Fãoense», quinzenário imparcial, independente, literário e noticioso que era propriedade de Manuel Leite Mariz.

Ainda na sua vigência apareceu «O Farolim, semanário crítico, humanístico e literário que apresentava como Director o nome de Bento Antas da Cruz. Curiosamente constatámos que existe um único número, o primeiro, que tem a data de 20 de Agosto de 1916. Capricho da época? A seu tempo o saberemos.

No ano seguinte surge «O Avante», semanário independente que inicia a sua publi-

(Continua na pág. 8)

O PERFIL DE HOJE

por ARMANDO SARAIVA

P.º MANUEL DE CARVALHO ALAIO



Éramos então criança e ouvíamos falar do P.º Alaio essencialmente como um homem bom, uma pessoa que se fazia estimar pela sua extrema bondade. Era também um musicólogo famoso e da conjugação destas duas qualidades adveio-lhe um halo carismático que se traduzia em veneração, respeito e carinho, sentimentos estes que nos dias que precederam a sua morte atingiram um acúmen angustiante e até paralisante. A freguesia como que sintonizou o seu viver com o arfar estertorante do moribundo e na lonjura da nossa memória ainda temos bem presentes as frases que as pessoas que «iam a Fão» traziam para as Pedreiras: «o P.º Alaio está mesmo a dar as últimas, coitadinho!» E todos, grandes e pequenos, esperávamos o aparecimento do outro dia para sabermos novas do P.º Alaio. O fim da vida deste sacerdote ritmava e polarizava a vida social de Fão.

Quem era afinal o P.º Alaio?

Nasceu na nossa terra a 7 de Dezembro de 1888, filho de Manuel de Carvalho Alaio e de Emília Fernandes

(Continua na pág. 8)

EDITORIAL

(Continuado da pág. 1)

se as árvores não importam aos donos como se conclui da sua passividade, importam e muito ao recheio turístico de Fão. A nossa terra sem árvores assemelha-se a uma mulher sem cabelos, o que é simplesmente horroroso.

Até agora não vimos que a Junta da freguesia mexesse uma palha para pôr cobro a estes desmandos tão lesivos da integridade paisagística da terra fangueira. Não conhecemos tão pouco que a Câmara Municipal ou a Assembleia do Concelho se tenham revelado sensíveis a este magno problema, com a agravante de a Presidente da Assembleia Municipal ser uma conterrânea nossa. Onde estão as promessas eleitorais da defesa intransigente do património local?

Fazemos um apelo ao Senhor Presidente da Assembleia de Freguesia: convoque uma assembleia para que o problema seja amplamente tratado, convide as autoridades locais para que todos habitantes e dirigentes, encontrem as soluções capazes de pôr cobro ao vandálico assalto de que o nosso pinhal está a ser vítima.

CLUBE ROTÁRIO DE ESPOSENDE

Os rotários de Esposende continuam a demonstrar que constituem uma associação do concelho com altos ideais humanitários. No sábado, dia 8 do corrente decorreu a cerimónia da entrega de uma casa a uma família pobre de Curvos.

Ao acto assistiram muitos rotários de Esposende e de outros clubes, o actual Governador Manuel Serôdio, o arcepreste de Esposende que benzeu o edifício, a Junta de Freguesia e algumas das famílias que fizeram ofertas para a casa.

Nos dias 7 e 8 de Março decorreu no Hotel do Pinhal um seminário para os futuros Presidentes dos Clubes Rotários do ano 86/87.

A escolha do clube de Esposende para a realização deste fórum revela o grande apreço das altas instâncias rotárias pelo trabalho desenvolvido pelos rotários de Esposende.

O Mundo em que vivemos

Quando a vida vence a morte

Foi em 18 de Fevereiro. Numa operação de transplante, Eva Pinto, residente no Porto, viu o seu coração doente substituído pelo de um indivíduo falecido em consequência de um acidente de viação.

Eva, cujo modo de vida é o de fazer almofadas de renda e cetim, com o feitio de corações, tinha o seu coração condenado: as suas batidas, penosas e lentas, em breve cessariam de vez.

Mas o milagre aconteceu; pela 1.ª vez em Portugal — dê-se o merecido relevo à competência do clínico e ao avanço da ciência — alguém recebeu um coração novo, que traz consigo promessas de um futuro melhor. Esse alguém foi a Eva Pinto.

Também os olhos do mesmo dador foram dar vista a um cego, e alguém receberá os seus rins e com eles uma nova esperança.

Na Rua do Rosário, no Porto, vive com seu marido a Maria Alzira de Jesus. Durante nove anos, deveu a vida a uma máquina, que supria a deficiência de uns rins doentes e sem cura. Casou há seis anos e a esperança do casal, o seu grande sonho, era o nascimento de um filho, o que as complicações renais da Alzira tornava impossível.

Mas também aqui o milagre aconteceu: em Setembro de 1984, a Alzira recebeu por transplantação, um rim. A sua saúde normalizou, renasceu para a vida, e, em 25 de Fevereiro, foi mãe de uma menina que veio encher de felicidade o enlevado casal.

É assim mesmo: até depois de mortos podemos distribuir felicidade, através da doação de alguns dos nossos órgãos.

Só assim a nossa morte não terá sido em vão, Só assim a Vida vencerá a Morte. Porque não morreremos de todo: para além da nossa vida, órgãos nossos irão viver noutras pessoas, numa doação de esperança e de ventura.

Não há mais bela nem mais pro-

funda dádiva do que a dádiva de um pouco de nós mesmos.

E assim, teremos a certeza de que o nosso coração, mesmo para além da morte e mesmo num peito alheio, continuará, feliz, a bater.

E. REAL

Deliberações da reunião de Câmara de 20/2

— Foi atribuído um subsídio de 1.500 contos aos Bombeiros Voluntários de Esposende segundo o estabelecido no exercício de 1985.

— Para pagamento a obras de terraplanagem no seu Campo de Jogos foi atribuído um subsídio à Associação Desportiva e Cultural de Rio Tinto de 150.000\$00.

— Para substituição da calçada no Caminho das Barreiras, foi atribuído à Junta de Freguesia de Rio Tinto um subsídio de 120.000\$00.

Longa Vida

o que é bom da natureza

UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES

estamos a construir um banco do futuro

CONVERSANDO

CECÍLIA PAIXÃO AMORIM

(Continuado da pág. 8)

colecções, vivendo momentos felizes, ora' defronte dum selo raro, ora admirando certo objecto há muito cobiçado ou mesmo em frente duma singela colecção de caixas de fósforos!

Outros preenchem os momentos de ócio dedicando-os ao desporto, à fotografia, à leitura, etc., etc. Para todos é preciso ser compreensivo, tolerante até ao ponto de mostrar um certo interesse, interesse que traduza uma prova de ligação espiritual que muito contribuirá para a verdadeira felicidade!

Há pequenos pormenores que muitas vezes desprezamos e que bem analisados podiam converter-se em grandes factos ...

Entre uma sólida amizade o respeito mútuo pelos gostos de cada um deve ser a base principal em que se deve firmar.

Só assim esse sentimento sublime que ultrapassa o entendimento das pes-

soas mesquinhas pode perdurar até à morte.

Se entre amigos houver a delicadeza de saber ouvir em pormenor qualquer assunto que seja para um deles uma fonte de alegria, devemos partilhar com entusiasmo e até incentivar essa ideia com todo o coração, salvo se o que ouvimos pode trazer inconvenientes e futuros dissabores ...

No entanto qualquer reparo a fazer deve ser feito com tacto,, delicadeza e verdadeira franqueza.

A intransigência e o orgulho só servem para cavar a desunião entre os seres humanos.

Cada ser humano é um mundo!

Como tal devemos aceitá-lo como é, exceptuando apenas os corruptos e os mal-intencionados.

Esses, sim, devem ser frontalmente contestados ou então recorrer a todos os argumentos possíveis para que mudem de opinião ...

ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS

Realizou-se em 16 de Fevereiro a 2.ª volta das Presidenciais com os seguintes resultados em Fão:

Freitas do Amaral — 810.

Mário Soares — 671.

Para comemorar o resultado das eleições que deu a vitória a Mário Soares, realizou-se um jantar festivo no Restaurante do Rio que reuniu algumas dezenas de entusiastas.

Pensa-se entretanto fazer uma outra reunião mas já a nível concelhio.

Em França

Em Grenoble estive a fazer um estágio de cabeleireiro o sr. Fernando Graça, filho do nosso amigo Zé Barbelro, o tal que faz o favor de receber algumas assinaturas dos nossos assinantes.

Pois o Fernando integrou-se totalmente na moderna tecnologia cabeleirística e agora é cada «corte à francesa» que nem queiram saber.

O «club» começa a tornar-se pequeno para a clientela.

Mes hommages mon petit.

Desastre

Quando se dirigia de automóvel para o seu restaurante na manhã de domingo, dia 23, o nosso amigo Manuel da Cruz Pimenta sofreu um grave acidente que o pôs às portas da morte. Aliás a notícia da sua morte já se difundiu em Fão mais do que uma vez.

Eram precisamente 11 horas quando o Manuel Pimenta passava em frente à bomba de gazolina perto de sua casa; um outro automóvel, depois de ser abastecido «aponta» à estrada bate no seu carro e atira-o de encontro a um outro veículo que vinha dos lados de Viana.

O choque foi brutal e o nosso amigo Pimenta foi levado para o Hospital de S. João no Porto, onde foi operado de urgência.

Depois disso tem alternado melhoras com períodos mais críticos.

As últimas informações são de mau presságio.

AUMENTE O SEU COLESTEROL!

Cá estamos de novo, esperando que o colesterol tenha dado a subidinha habitual. Desta vez, para o entusiasmar, trazemos-lhe um delicioso

ROLO DE BACALHAU

Coze-se o bacalhau e as batatas. O bacalhau, desfia-se muita miudinho; as batatas, faz-se com elas um puré, grosso.

Este puré é estendido numa tábuca, de modo a ficar com a forma rectangular. Sobre o puré estende-se o bacalhau desfiado, em camada fina mas muito certinha, e faz-se um creme que se estende sobre o bacalhau.

Enrola-se o puré com este rechelo, passa-se por ovo e pão ralado, e vai ao forno a cozer, até tostar. Deve guarnecer-se, depois de pronto, com azeltonas.

E para sobremesa, aqui fica uma especialidade:

QUEQUE INGLÊS

Ovos — 5; açúcar — 250 gramas; farinha — 250 gramas; manteiga — 250 gramas; vinho do Porto — 1 cálice.

Bate-se a manteiga com o açúcar, juntando depois as gemas e batendo muito bem. Junta-se-lhe o Vinho do Porto, depois a farinha (com fermento) e por fim as claras, batidas em castelo.

A esta massa junta-se canela e pedacinhos de frutas cristalizadas. Vai ao forno em forma forrada de papel.

Esperemos que seja ao gosto do sr. Colesterol, para o levar a dar mais um pulinho ... São estes os votos da

Tia Mariquinhas.



O descanso desejado...

HOTEL DO PINHAL ★★

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE — TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857
(nova Gerência pelos proprietários)



Contacte-nos directamente ou através do seu agente de viagens.

FALECIMENTOS

Morreu o Né Glória

Quatro semanas antes tínhamo-nos encontrado na Lareira e ali solicitámos a sua colaboração para um espectáculo que ansiamos realizar em Fão há muito tempo.

«Ó pá — disse-nos — eu segunda vou fazer uns exames, o médico achou-me qualquer coisa, mas se tudo correr bem eu estarei à tua inteira disposição, como já sabes». — Foram estas as últimas palavras que ouvimos do nosso amigo Manuel Gonçalves Sacramento, o Né Glória como todos o conhecíamos.

Depois foi tudo a correr. Num ápice e dolorosamente as notícias espalharam-se na vila: «O Né está condenado. Não tem cura possível». Em quatro semanas finou-se. No dia 14 de Fevereiro os seus amigos foram acompanhá-lo ao cemitério.

E Fão ficou mais pobre. O Né era uma tradição, ou antes perpetuava uma tradição fangueira, aquilo que Fão tem de brincalhão, de artista, de bairrista, em suma era um fangueiro tout court.

Acompanhamo-lo muitas vezes em noites de glória — não fosse ele o Né Glória — em celas, em patuscadas, em muitas serenatas. P'rá farra, p'rá cantoria o Né estava sempre pronto, embora sem muita expansividade. Ao outro dia, qualquer que fosse a hora a que se deitasse, o Né lá estava desperto para o trabalho, às sete, às oito ou nove da manhã, pronto para uma partidinha de futebol na Junqueira, uma caçada nos Marouços ou para a pesca aos robalinhos. Era um indivíduo completo.

Infelizmente morreu aos 56 anos quando muito dele havia a esperar. Era também um exímio violão e nessa qualidade nunca se negou a colaborar em qualquer festa de Fão. Pode dizer-se que nas últimas décadas qualquer espectáculo de beneficência para os Bombeiros, para os Clubes, para o Hospital contou sempre com a adesão activa do Né Glória. Não só tocava violão

como improvisava divertidas quadras nas canções ao desafio.

Durante muitos anos prestou ainda o seu concurso à equipa de futebol local como ponta esquerda. Seguindo sempre a filosofia da «baliza às costas», nunca recebeu um tostão para jogar futebol.

Encontrando-se aposentado já há algum tempo, trabalhava ultimamente para algumas firmas locais.

Que descanse em paz!

Com o Né Glória morreu um pedaço da vida de Fão.

Com um ligeiro tempo de doença, cerca de oito dias, faleceu também em Fão, no dia 8 do corrente Celestino Oliveira Moraes.

Não há dúvida que Fão está a perder os seus melhores homens. Celestino Moraes desempenhou alguns cargos directivos em Fão, revelou-se um artista de certos recursos e até ter sofrido um grave desastre há uns anos atrás, era muito requisitado pelos párocos de várias freguesias, algumas de muito longe, para trabalhos de pintura muito delicados no interior das igrejas.

Ficou célebre um seu retrato do falecido Prior Nogueira. Pela fidelidade conseguida, estamos convencido que se tivesse sido devidamente apoiado e estimulado, teria sido um artista de nomeada.

Deixa em doloroso pranto os seus familiares.

Também faleceu em Fão, Piedade Ferreira Faria, mais conhecida por Piedade Panca.

Paz à sua alma.

As famílias enlutadas os nossos pésames.

Do Gabinete de Informação da Câmara recebemos a seguinte nota:

Dimanado do Governo Civil do Distrito de Braga, recebemos o officio que transcrevemos a seguir, solicitando a respectiva publicação nesse jornal:

«I — Todas as Instituições privadas de solidariedade social, Associações Recreativas, Desportivas e Culturais que queiram obter apoio financeiro do Governo Civil deste Distrito deverão:

a) enviar o programa das suas actividades desenvolvidas nos últimos três anos;

b) enviar o programa das suas actividades projectadas para o corrente ano de 1986;

c) anexar a relação dos montantes dos subsídios concedidos para este Governo Civil nos últimos três anos;

d) apresentar ainda todos os demais elementos que entendam por convenientes para esclarecimento do Governador.

«II — Uma vez na posse de todos estes dados, que deverão ser enviados a este Governo Civil pelos interessados até ao dia 15 de Abril deste ano, poderei então, contribuir, na medida das minhas possibilidades, para que os dirigentes de todas as Associações que solicitem o apoio deste Governo Civil consigam satisfazer os objectivos sérios que se proponham realizar a bem das comunidades onde estão sediados.

Gratos pela publicação, subscrevemos

O Gabinete de Informação

Acabamos de receber um officio da Associação de Desportos de Braga que passamos a transcrever:

«Sob a orientação do prof. Júlio César Neto terão lugar todos os domingos no pinhal de Ofir crosses aérobicos de «Corta-Mato» para todas as pessoas que desejem manter a forma física e manutenção consequente da saúde, para tal os interessados deverão comparecer pelas 9,30 horas junto do posto da Guarda Fiscal em Ofir.

Em Abril será organizado um encontro ciclista para escalões etários até 12 anos na marginal de Esposende.

Em meados do mês de Maio o professor judoca organiza uma descida do Rio Cávado em canoa e no mês de Agosto como vem sendo habitual terá lugar o campeonato internacional de judo onde estarão presentes clubes de vários países da Europa.

Seria justo notar que o professor Júlio Neto vem há vários anos realizando actividades de grande interesse no concelho de Esposende completamente gratuitas que levaram já o nome da simpática vila a todo o mundo pelo que seria desse tudo que um apoio constante e efectivo viesse incentivar ainda mais este dinâmico desportista.

ÓPTICA *Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, L.D.A

création ARMAÇÔES — OCULOS SOL

CAZAL

RUA DA MISERICORDIA, 2-16 — 4700 BRAGA • TEL. 75777

O PERFIL DE HOJE

por ARMANDO SARAIVA

(Continuado da pág. 1)

Antunes. Antes de nascer já estava órfão de pai e por isso a sua meninice acompanhou as agruras de uma viúva sem recursos. Sua mãe conseguiu interná-lo no Colégio dos Órfãos de S. Caetano, em Braga e logo aí o pequeno Manuel de Carvalho Aleio revela uma propensão invulgar para a arte dos sons, salientando-se na respectiva banda de música com o seu primeiro instrumento — o clarinete — que executava com notória aptidão.

Em Outubro de 1901 ingressa no Seminário de Santo António e S. Luiz Gonzaga, situado em Guadalupe, na cidade de Braga e bem cedo nas aulas de Música Piano e Harmónio revela-se um aluno brilhante. Tão brilhante e excepcional que, ingressado no Seminário de Santiago para frequentar o Curso Teológico, fica professor no Seminário de Guadalupe. Não temos conhecimento de outro seminarista que tivesse exercido a dupla missão de aluno e professor ao mesmo tempo.

Apesar disso, ordenado padre em 1911, os seus dotes de artista não foram logo aproveitados e assim vem para Fão onde fica a exercer as funções de capelão do Bom Jesus e mais tarde da capela da Misericórdia. É verdade que não abandona a actividade musical e aqui organiza um grupo coral misto com crianças e homens, entre os quais o distinto artista portuense Eduardo da Fonseca e o engenheiro Ângelo Sarmiento, pessoas que ele convidada sempre que havia exhibições. Tal grupo chegou a atingir certa fama, tendo-se exibido mais que uma vez em Braga. Ainda em Fão o P.º Alaio escreveu algumas marchas para a filarmónica que aqui havia.

Um musicólogo do gabarito do P.º Alaio não podia confinar a sua vida a uma aldeia como era Fão e com a vinda para Braga do arcebispo D. Manuel Vieira de Matos o P.º Alaio é convidado em 1915 para retomar o seu antigo cargo nos Seminários Diocesanos, regendo as cadeiras de música e canto gregoriano. A sua actividade, porém, não se esgota apenas na docência. Além daquelas funções, dirige a Schola Cantorum do Seminário que verdadeiramente ensombra Braga, assume a regência dum conjunto musical — Capela do P.º Alaio — e ingressa em 1921 no Liceu Sá de Miranda de Braga como professor de canto coral.

Em todas aquelas tarefas o estro musical do P.º Alaio leva-o de êxito em êxito, a sua fama extravasa para fora da cidade e todo esse condicionalismo faz germinar na sua mente a criação de um orfeão na cidade bracarense. Tão feliz e oportuna iniciativa difunde-se por

toda a cidade e logo um grupo numeroso de aderentes, provindo das mais diversas camadas sociais, se junta à volta do P.º Alaio, criando-se em curto espaço de tempo um orfeão com 12 figuras masculinas.

A estreia fez-se no palco de Teatro Gerês, na noite de 20 de Dezembro de 1923.

O seu êxito é mencionado no Jornal de Notícias, do Porto, de 25 de Dezembro de 1923 com o seguinte comentário:

«... O Sr. Padre Carvalho Alaio dispôs em seguida o Orfeão para a execução da primeira parte do programa que se iniciou pelo Montanhês.

Ao nosso ouvido leigo, agradaram sobremaneira todos os números cantados com impecável harmonia e segurança sob a regência sóbria do ilustre professor, ficando plenamente patentes o esmero e o escrúpulo postos nos ensaios.

... ..

Toda a execução foi impermeável, primorosa e disciplinada. E se alguns trechos não se repetiram, não foi porque a assistência se não manifestasse com bis: é porque prolongaria demasiadamente o sarau que ainda assim terminou à 1 1/2 de hoje, com os mesmos aplausos com que se iniciara.

Depois foi todo um sucedâneo de sucessos que trouxeram nome, glória e fama tanto ao orfeão como ao seu maestro.

O grupo percorre várias localidades do País, nomeadamente Vila do Conde, Aveiro, Viana e Porto. Sobre o espectáculo realizado nesta cidade no teatro de S. João em 2 de Maio de 1926 recolhemos do «O Comércio do Porto» de 4 de Maio de 1926 um excerto dos comentários publicados:

... ..

«Depois entre o Orfeão com o Freischütz de Weber, executado com um imperioso vigor, sob a segura regência do Rev. Manuel Alaio que se revelou de princípio ao fim, um sólido regente, que sabe domar as vozes e tirar-lhes o efeito desejado.

... ..

A quarta parte — o fecho da festa, mas festa no alto sentido da palavra — foi bem a chave de ouro daquela luzida noite, noite de mais pura arte, que ficou a marcar nos anais do Orfeão de Braga, como um lídimo acontecimento de que todos guardam uma agradável recordação».

Em 1933 e por motivos de saúde foi forçado a abandonar a direcção artística do Orfeão.

Depois, incompreensível e absurdamente, teceu-se à sua volta um círculo

de intrigas e o P.º Alaio vê-se afastado dos seminários em 1936.

O seu coração não aguentou tão grave e gratuita ofensa e desencantado e mais doente retira-se para a sua e nossa terra, vindo a falecer no dia 17 de Maio de 1937, nas circunstâncias dramáticas acima descritas.

Deixou publicadas as seguintes composições: Ecos do Santuário, de colaboração com o P.º Lima Torres; vários cânticos, como: Cânticos pelas Almas (muito popular); Cânticos a S. Sebastião; Cânticos a S. José, de colaboração com o P.º António Correia, Cantigas do Minho e uma rapsódia de canções populares a que deu o título de Cantigas Portuguesas.

RIOTUR

SOCIEDADE DE TURISMO DO PARQUE DO RIO, SARL

Pinhal de Ofir - Vila de Fão - Esposende

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Nos termos da Lei e dos Estatutos, convoco, os Senhores accionistas da RIOTUR — Sociedade de Turismo do Parque do Rio, SARL, a reunir em Assembleia Geral Ordinária, na sua sede social, no próximo dia 29 de Março de 1986, pelas 15 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

1 — Apreciar, discutir, modificar e eventualmente aprovar o Relatório do Conselho de Administração, Balanço e Contas e o Parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício de 1985.

2 — Tratar de qualquer outro assunto de interesse para a Sociedade.

Pinhal de Ofir, 24 de Fevereiro de 1986

O Vice-Presidente da Assembleia Geral
a) Júlio José Cardoso e Silva de Oliveira

Pagaram as assinaturas:

Alvarino Antunes, Fão, 500\$00; Manuel Lemos, Brasil, 1000\$00; Dr. Manuel António D. Fráguas, Porto, 1500\$; Manuel Gonçalves Sacramento, Fão, 500\$00; Evangelista Jesus da Silva, Fão, 500\$00; Júlio Sá Pereira, Porto, 500\$00; D. M.º do Carmo de S. Vaz Oliva, Porto, 500\$00; João Emílio Sá Pereira, Fão, 500\$00; Casa Lai-Lai, Fão, 500\$00; António Gomes Lopes, Fão, 500\$00; Arq.º Alcino Soutinho, Porto, 500\$00; Dr. Paulo Sá Machado, Porto, 500\$00; Dr. Américo Seixas, Porto, 500\$00; Arlindo M. Fernandes Cruz, Porto, 1000\$00; Manuel Gomes Costa, Porto, 500\$00.

AS PESTES

INTRODUÇÃO:

As pestes e as epidemias, foram companheiras frequentes do homem, tanto da Idade Média, como dos tempos modernos¹.

No séc. XVI, por exemplo, o país foi terrivelmente grassado pela peste, nomeadamente, em 1503, 1505, 1510, 1214, 1521, 1525, 1527, 1569, 1579 e 1598¹.

Chamamos especial atenção para a de 1598, denominado «peste pequena», que, vinda da Flandres, através da Espanha, se manteve até 1603, provocando uma grande mortandade entre as populações¹.

Todas as condições se coadunavam para o aparecimento e disseminação das pestes:

- Os maus anos climáticos.
- A fraca produção.
- O aumento do custo de vida.
- As fomes.

— O enfraquecimento sucessivo da população, que juntamente com as precárias condições de vida, favoreciam a peste.

Pelo futebol

Em tempos houve um acordo de cavalheiros entre o F. C. de Fão e a Câmara com o seguinte clausulado: o clube de futebol cedia um terreno que possuía no Ramalhão à Câmara para esta poder aumentar o Bairro Social; em troca a Câmara comprometia-se a fazer uma sede para o Clube.

Bem, o tal terreno já está praticamente «comido» pelo Bairro. E quanto à sede?

Mas o que nos interessa sobretudo, é fazer um levantamento, aliás bem generalizado, de algumas possíveis pestes de maior ou menor importância, que porventura tenham assolado a nossa região, muito especialmente, Fão.

Para isso, consultámos os registos de óbitos das freguesias de Fão e Esposende, procurando um maior vestígio de mortandades.

Verificámos que, ciclicamente, pestes ou outras «catástrofes», ocorriam por estas bandas.

É sobre essas que nos vamos debruçar, comparando estatisticamente o número de mortos, com relatos (mais recentes), de histórias vividas ou transmitidas hereditariamente por pessoas idosas que amavelmente se ofereceram para nos ajudar.

Por curiosidade, juntaremos a este trabalho, um conjunto de profissões femininas e masculinas levantados aquando da observação das certidões de óbito.

SÉCULO XIX:

No séc. XIX, as pestes que se disseminavam nesta região, e provavelmente, por todo o país, eram, geralmente, epidemias infantis, que quando «davam com força»², provocavam uma mortandade enorme, neste estrato da população.

Podemos considerar as pestes, como um «ciclo natural» de equilíbrio da vida, porque, sendo a taxa de natalidade elevadíssima, teria que ser compensada por uma igualmente avassaladora, taxa de mortalidade.

Era, pois, assim, que se processava o «planeamento familiar», (se assim o podemos denominar), em que a elevada natalidade era compensada pela taxa de mortalidade.

O nível médio de óbitos, em freguesias como Fão e Esposende, situava-se à volta dos 15/25 mortos e quando este número se ultrapassava, era sinal de irregularidade.

Recuando a 1867, podemos localizar a tão conhecida, «PESTE», que provocando uma enorme mortandade, arrasou as estruturas sócio-económicas das freguesias em questão.

«APESTE» foi uma epidemia de cólera, extremamente contagiosa e mortífera.

Devido ao elevado nível de contágio, e se ainda houvesse tempo, isolavam-se as pessoas, por famílias, em camas e quartos e separados e os ajuntamentos na Igreja, eram proibidos.

Geralmente, quando uma determinada família era afectada, os seus membros morriam quase todos.

A mortalidade era tão grande, que nem tempo havia para tocar o sino!

Em cerca de dois dias, as pessoas morriam e, devido ao elevado número de mortos, estes eram amontoados e levados num esquife.

Como não havia tempo para construir os caixões, a maioria das vítimas era enterrada em volas comuns, embrulhadas num lençol ou manta.

Quando não eram enterrados no mesmo dia da morte, os cadáveres eram colocados na Igreja.

Como, devido ao perigo de contágio, era impossível esperar as vinte e quatro horas, os corpos eram, muitas vezes, conduzidos com vida para a Igreja, onde ou

PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS
DE CARGAS, LDA.

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.ª — Telef. 672295 - 672450
Telex 25181 — 4100 PORTO

ARMAZENS:

Rua Roberto Ivens, 903 — Telef. 930647
4750 MATOSINHOS

Dicionários EDITORA

A vasta coleção «Dicionários Editora» acaba de ser enriquecida com a publicação de 6.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa. Uma obra invulgar para o nosso país. Feita em moldes somente utilizados em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria generalizada, como de especialidade. Enriquecida não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento da apêndice de «palavras e locuções estrangeiras».

O Dicionário da Língua Portuguesa — 6.ª edição — é o mais abrangente de todos os do seu género. O mais completo e o mais actualizado quanto a definições de termos técnicos e científicos.

PORTO EDITORA, LDA. Rua da Restauração, 325-4200 PORTO Cedex
Livraria ARNADO, LDA. Rua do 25 de Março, 9-11/A, 4750-312 MATOSINHOS Cedex
BMP L. LUMINENSE, LDA. Rua de S. João, 256 - 4750-312 MATOSINHOS Cedex

eram enterrados vivos, morrendo asfixiados ou eram encerrados na capela, onde ao tomar consciência do lugar onde se encontravam, padeciam de susto.

Conta-se até, que certa vez, ao abrir a porta da Igreja encontraram o cadáver de um homem, pendurado na tranca, que morrera apavorado enquanto procurava em vão sair dali.

Devido ao elevado número de mortos, a Igreja tornou-se um enorme depósito de cadáveres, que apesar de isolado, funcionou como foco irradiador de vírus da cólera especialmente, de mau cheiro.

O desenvolvimento da cólera, foi antes de mais, e num período posterior, uma consequência do mau estado de conservação e enterramento dos cadáveres.

Assim, a Igreja onde eram colocados os cadáveres e enterrados, funcionou como um ponto disseminador da doença.

A construção do cemitério de Fão, data precisamente, do período da «Peste», devido à impossibilidade de enterrar nas Igrejas, onde o mau cheiro e o perigo de contágio eram constantes.

Aliás, esta «Peste», foi o motivo inspirador do tão famoso (porquanto desaparecido) quadro alusivo a uma grande mortandade, que existiu em tempos na capela do cemitério de Fão e que desapareceu misteriosamente (pelo que sabemos), sem deixar rostos.

Nenhuma das pessoas consultadas, nos soube indicar o paradeiro do quadro.

E uma questão aqui fica colocada:

— Alguém viu ou conhece o paradeiro desse tão precioso quadro, importante documento e como obra de arte?

Não é justo que se deixe perder, tão inestimável património artístico, símbolo de uma época, de um outro tempo que não voltará mais e cuja vida ficou registada um pouco, nesse quadro.

A «Peste» — 1867 — 81 mortos — Esposende — Epidemia generalizada a todos os escalões etários.

«Foi quando em dois Verões, seguidamente, a febre e a cólera também andaram na cidade, que esta população, com um terror de lebre, fugiu da capital como da tempestade.

(...)

FÃO DE ANTIGAMENTE

Na Escola Rodrigues Sampaio de Esposende fizeram o exame de instrução primária do 1.º grau, sob a presidência do sub-inspector Júlio César de Lima os alunos fangueiros.

Sexo feminino — Adelalde Ferreira, distinta; Alice Alves Quintas, boa; Antónia Gomes Vinha, boa; Rosália V. Carneiro, suficiente.

Sexo masculino — Joaquim da Silva Lusa, óptimo; José Pinheiro Borda, óptimo; Estanislau P. da Silva, bom; José Fernandes Neiva, bom; Manuel Domingos da Venda, bom; Manuel de Campos Moledo, bom.

III

Se acaso o conta, ainda a fronte se lhe enrugava:

o que se ouvia sempre era o dobrar dos sinos; mesmo no nosso prédio, os outros inquilinos morreram todos. Nós salvamo-nos na fuga.

IV

Na parte mercantil, foco da epidemia, um pânico! Nem um navio entrava a barra. A alfândega porou, nenhuma loja abria, e os turbulentos cais cessaram a algazarra.

V

Pela manhã, em vez dos tréns dos baptizados, rodavam sem cessar as seges dos enterros. Que triste a sucessão dos armazéns fechados!

Como um domingo Inglês na city, que desterro!

VI

Sem canalização, em muitos burgos ermos, secavam dejeções cobertas de mosqueteiros.

E os médicos, ao pé de padres e covelros, os últimos fiéis, tremiam dos enfermos!

(...)

VIII

Porém, lá fora à solta, exageradamente, enquanto acontecia essa calamidade, toda a vegetação, plétórica, potente, ganhava imenso com a enorme mortandade!

(...)

CESÁRIO VERDE

(Possível alusão à «peste» de cólera 1866/67)

A partir de 1867, as epidemias são predominantemente infantis, apesar de entre-

Era assim há sessenta anos...

Como já em tempos aqui deixamos dito, por vezes assalta-nos uma certa curiosidade de saber como seria a vida no tempo dos nossos pais, dos nossos avós.

Esta meia-dúzia de notícias, que escolhemos ao acaso do jornal «O Primeiro de Janeiro» da época, poderão satisfazer um pouco, talvez, essa curiosidade. E no fim, verificarão que, apesar de tão longe de nós no tempo, há umas certas semelhanças com situações actuais.

Afinal, não era assim tão diferente...

Cantanhede — 1 de Janeiro de 1922: — Suicídio, por dificuldades financeiras, de um chefe de família. Deixa viúva e seis filhos.

Viana do Castelo — 6 de Janeiro de 1922: — Continua a sentir-se a carestia de vida neste concelho.

Mindelo (mesma data) — Roubo no valor de um conto de réis. Presos os dois ladrões.

Porto — 12 de Janeiro de 1922: — Presas três leiteiras por falsificarem o leite com água.

Braga — Suicídio de um jovem de 18 anos, com arma de fogo. Estava embriagado.

Porto — 2 de Fevereiro de 1922: — Greve da Carris: — os grevistas propõem o aumento de 15 tostões diários.

Porto — 1 de Junho de 1922: — Um agente da Polícia de Defesa Social apreendeu em casa de um agulheiro dos Caminhos de Ferro «Minho e Douro» explosivos e

meadas com as «mortes naturais», por veheza e diversas doenças.

1879 — Fão, 40 mortos. Esposende, 55 mortos — epidemia infantil. 1880 — Fão, 30 mortos — epidemia infantil. 1885 — Esposende, 49 mortos — epidemia infantil. 1896 — Esposende, 45 mortos — epidemia infantil. 1899 — Esposende, 44 mortos — epidemia infanto-juvenil.

¹ Jornal «Renascença» — Abril de 1981. Artigo «Inquérito paroquial de 1845», de P. Dr. Franklin Neiva Soares.

² Expressão utilizada pela população para denominar o modo como a peste afectava a pessoa, quanto à gravidade.

NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

COLABORAM NESTE NÚMERO:

Dr. Armando Saraiva
Dr.ª Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Cecília Paixão Amorim
Dinis de Vilarelho

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saraiva
José Augusto A. Nobre Madureira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318
4490 Póvoa do Varzim

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

Anual 500\$00

A cobrança de «O Novo Fangueiro» através de «Os Correios» será por conta do assinante



**o melhor café
é o da**

**A BRASILEIRA
PORTO**

armamento, e uma espingarda Mauser com 150 cartuchos. Numa outra casa, apreendeu uma espingarda igual.

Por aqui se vê que, em mais de 60 anos as mudanças não foram substanciais, não verdade?...

M. Loureiro Marques

A Imprensa em Fão

(Continuado da pag. 1)

cação em 20-X-1917. Foi editor responsável João Pinto dos Santos e secretário de redacção, E. Veiga. A Redacção e Administração localizava-se na R. da Cruz.

Este semanário teve igualmente uma vida curta (terminou em 18-XI-1917) já que saía todas as semanas e mesmo com os dinheiros do Brasil um jornal hebdomadário era impraticável.

No ano seguinte, mais precisamente em 25 de Maio de 1918, o P.e Jerónimo Gonçalves Chaves inicia a publicação de «O Novo Porto», quinzenário ilustrado, literário e noticioso que tinha a Redacção na R. Serpa Pinto e era composto na Tipografia Esposendense. Foi através dele e mais tarde no Esposendense, de Esposende, que este conterrâneo, Chaves Coupon, desencadeou uma grande campanha a favor de um porto de mar, com o aproveitamento do abrigo natural constituído pelos «Cavalos de Fão». «O Novo Porto» terminou em 3-IV-1919.

Também na sua vigência iniciou a sua publicação (em 2-XII-1918) um outro quinzenário de feição mais humorística e porventura crítica, chamado «À Língua», com Redacção e Administração na Av. Manuel Pais-1, que teve igualmente vida efémera, pois terminou em 11 de Março de 1919, tendo-se editado 12 números. Registe-se o facto de num mesmo período, de 2 de Dezembro de 1918 a 11 de Março de 1919, terem coexistido em Fão dois quinzenários que acabaram ambos por soçobrar no mesmo ano de 1919. A existência de dois jornais indicia dispersão de esforços, falta de unidade e uma noção muito equívoca de bairrismo.

A actividade editorial não pára, contudo, e no mesmo mês de Março de 1919 surge outro periódico, o «Grulha», quinzenário imparcial e literário que teve como Director Cândido Nunes Vinhas. Aguentou-se este jornal até 1921, altura em que passa a semanário, sob a responsabilidade de Emilio Fernandes e com outro nome: «Notícias de Fão». Terminou em 1924.

Verifica-se a seguir um hiato que é interrompido finalmente em 21-4-1928 com o

aparecimento de «Ecos da Beira-Mar», um quinzenário regionalista, sob a direcção do P.e Avelino Pinheiro Borda. Foi seu Editor, Proprietário e Administrador Eduardo Silva que era também o proprietário da Tipografia Chaves Coupon, na Av. Manuel Pais, onde o jornal se imprimia. Ainda como redactores figuravam os nomes de Carlos Barra Reis e Abel Vinha dos Santos.

A partir de 21-7-1928 assumiu as funções de Director o P.e António Alves Nogueira, prior de Fão. Este jornal resistiu até Abril de 1929.

Segue-se um longo deserto sem que em Fão aparecessem jornais próprios. Ressalva-se a Página de Fão no semanário «A Cruzada», da responsabilidade do P.e António Alves Nogueira. Publicou-se ainda uma página de Fão no jornal de Esposende, «O Cávado», que teve como responsáveis, em

períodos diferentes, Mário Ramiro, Armando Saraiva e Alceu M. V. Santos. Até que em 1958, mais precisamente em 9 de Março, surgiu «O Fangueiro». O seu Director foi António Carlos Esteves; editor, Cândido Hipólito Reis; administrador, Armando Saraiva. A duração deste jornal estendeu-se até Julho de 1962, tendo-se publicado 89 números.

Foram finalmente publicados 3 números do Boletim do Hospital de Fão no ano de 1970, compilação de Armando Saraiva.

Como órgão do M.P.C.C. existiu ainda um jornal «Fanum» que não era impresso, mas sim policopiado. Tinha como responsável Manuel Vieira e o prazo de duração não ultrapassou os dois anos.

Ainda umaceno de simpatia ao bem elaborado «Caracol», jornal também policopiado elaborado duas vezes por ano pelas nossas Escolas.

Pensamos que estes foram os únicos jornais que se imprimiram em Fão. Caso alguém tenha conhecimento de mais algum, agradecemos que no-lo comunicasse para que fosse devidamente catalogado.

Conversando...

CECÍLIA PAIXÃO DE AMORIM

Gostos e preferências

Todos nós temos os nossos gostos e preferências determinados!

Impôr aos outros aquilo que gostamos, só porque gostamos, nada justifica...

Mas também aceitar as predilecções alheias, só por aceitar, é um erro.

Há, sim, que respeitar e compreender os outros para que as nossas opiniões também mereçam as mesmas atenções.

Ser intransigente para com as pessoas com quem convivemos é semear a desarmonia, o desinteresse e o desentendimento, sempre desagradáveis e prejudiciais.

Mas se condescendermos, por exemplo, aceitando um convite para ir a um determinado lugar que não nos interessa, estamos a semear para depois colher os mesmos frutos...

Pois quando formos nós a precisar de companhia, logicamente, teremos esse alguém pronto a sacrificar-se e a retribuir a nossa getileza.

Assim procedendo, estamos a cultivar um interesse mútuo que será benéfico para ambos.

Entre marido e mulher sucede muitas vezes terem os gestos diferentes.

Quando tal acontece, deve existir

de parte a parte uma condescendência compreensiva para que ambos não se sintam sacrificados.

Se o marido não gosta de música, por exemplo, deve, no entanto, acompanhar, algumas vezes, a mulher a um concerto ou recital, sentindo-se ela, depois, na obrigação de ir com ele ao futebol ou outro desporto qualquer, caso ele manifeste desejos da companhia dela.

E assim, sucessivamente, o hábito acabará por vencer essa barreira de indiferença que existia por aquilo que não gostávamos e despertar em cada um uma nova visão das coisas.

Além disso, há um toque de solidariedade que provoca a aproximação entre os seres e que normalmente nasce da troca de impressões, crescendo à medida que os assuntos, vão sendo discutidos e analisados.

Quase todas as pessoas se dedicam a qualquer passatempo, nas suas horas vagas. É uma faceta que todos devemos respeitar e até colaborar amistosamente.

Há os colecionadores que gastam horas e horas embevecidos nas suas

(Continua na pág. 4)

A CIDADE

Era a cidade,
Com ruas asfaltadas,
Agitação, vivacidade,
E muitas casas altas, todas belas.
Mas nas suas varandas e janelas,
Já crianças não havia
Debruçadas,
Agitando os bracitos numa gritaria.

Oh! cidade com pombas assustadas
Nos telhados, passeios e jardins,
Perdeste a tua beleza,
A tua maior riqueza:
As rosadas e lépidas crianças,
— Humanos querubins —
Com risos doirados,
Com olhos azulados
E caracóis ou tranças.

DINIS VILARELHO

AVENÇA



PORTE

PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO